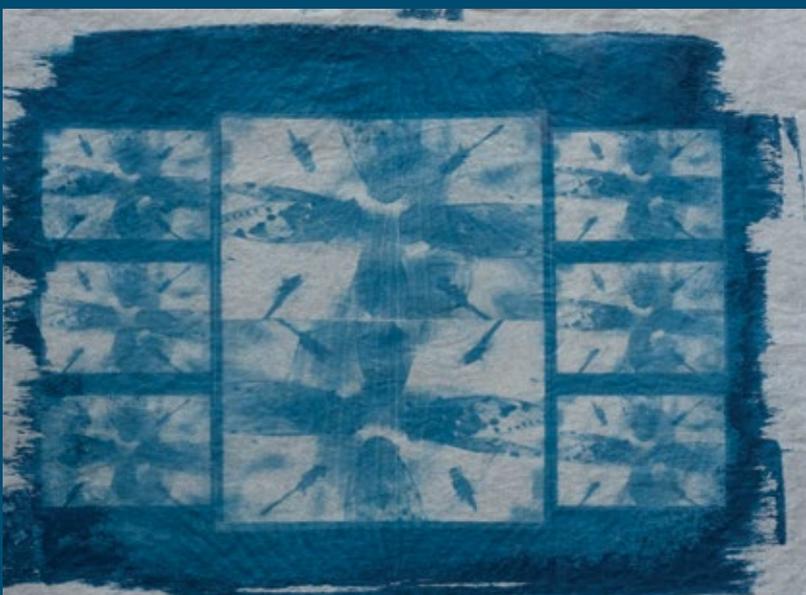


# Ô catarina! 91

NOV. 2018 - ISSN 2318-3063

# EDITORIAL



Composição em Azul  
Cianotipia

## A vida começa aos 40?

Há quem diga, afirme e jure de pé junto que sim. E assim esperamos que seja.

A Fundação Catarinense de Cultura (FCC) está completando 40 anos. São quatro décadas de uma viagem que subiu montanhas, nadou por rios, surfou em ondas, atravessou desertos e ainda tem um longo caminho a trilhar.

E páginas de um livro em branco para escrever.

É nesse espírito comemorativo, com uma esperança que toca o céu, que a FCC chega a edição de número 91 do jornal Ô Catarina. Nas páginas desta publicação, o leitor poderá conferir textos sobre cinema, música, teatro, literatura e outras artes. Tem fotografia, conto e poesia. Tem pintura, dança e alegria. Tem também a tristeza por aqueles que se foram e, quem sabe, a gente encontre um dia.

Não poderíamos deixar de registrar os 70 anos do Museu de Arte de Santa Catarina, o MASC. Nem o aniversário do maior poeta catarinense: Cruz e Sousa.

E pra completar, a prata da casa. O leitor poderá conhecer um pouco sobre um dos espaços culturais mais jovens administrados pela FCC: a Biblioteca de Arte e Cultura, que fica no Centro Integrado de Cultura (CIC), em Florianópolis. Também damos início a uma série de textos que revelam alguns talentos de colaboradores da casa.

Venha e fique à vontade! Na nossa festa de 40 anos, você é nosso convidado especial!

## EXPEDIENTE

**Governador do Estado de Santa Catarina**  
Eduardo Pinho Moreira  
**Secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte**  
Tufi Michreff Neto  
**Presidente**  
Ozeas Mafra Filho  
**Diretora de Difusão Artística**  
Mary Garcia  
**Diretor de Patrimônio Cultural**  
Halley Filipouski  
**Diretor de Administração**  
Jorge Henrique Carneiro Frydberg  
**Consultor Jurídico**  
Rodrigo Goeldner Capella  
**Consultor de Projetos Especiais**  
Moacir Iguatemi da Silveira Neto  
**Assistente da Presidência**  
Sidneya Gaspar de Oliveira  
**Assessor de Comunicação**  
Raquel Santi  
**Gerente Operacional**  
Joel Costa Jr.  
**Gerente de Administração, Finanças e Contabilidade**  
Antônio Ubiratan de Alencastro  
**Gerente de Logística e Eventos Culturais / Projetos**  
Ivan Carlos Schmidt Filho  
**Gerente de Logística e Eventos Culturais / Marketing**  
Melissa Rodrigues  
**Gerente de Patrimônio Cultural**  
Diego Rossi Fermo  
**Gerente de Pesquisa e Tombamento**  
Ana Paula G. L. da Silveira  
**Gerente das Oficinas de Arte**  
Aline Zanella Bordignon  
**Administrador do Museu de Arte de Santa Catarina**  
Susana Bianchini  
**Administradora do Museu da Imagem e do Som**  
Ana Ligia Becker  
**Administradora do Museu Histórico de Santa Catarina**  
Vanessa Borovsky  
**Administrador da Casa dos Açores Museu Etnográfico**  
Valmir Martins Pereira  
**Administradora da Casa de Campo do Governador Hercílio Luz**  
Karoline Käufer Schwambach  
**Administradora do Teatro Álvaro de Carvalho**  
Eliza Docena  
**Administradora da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina**  
Patrícia Karla Firmino  
**Administradora do Centro Integrado de Cultura**  
Alizandra Oliveira  
**Administradora da Escolinha de Arte**  
Alessandra Ghisi Zapelini  
**Responsável pela Casa da Alfândega**  
Adriana Aparecida de Brito

## Ô CATARINA! 91

Novembro de 2018

**Editor** / Moacir Iguatemi da Silveira Neto

**Assistente Editorial - Jornalista** / Raquel Santi

**Conselho Editorial** / Mary Garcia, Moacir Iguatemi da Silveira Neto, Raquel Santi, Sidneya Gaspar de Oliveira

**Colaboradores desta edição** / Marisa Napolini, Emanuel Pereira, Thiago Mattes, Simone Gutjahr, Tatiana Cobbett, Rosa Maria Tesser, Elke Siedler, Luiza Lins, Márcio H. Martins, Osvaldo Domingos Ferreira, Fernando Lindote, Susana Bianchini.

**Capa** / Obra de Tharciana Goulart - Memória em Azul (Cianotipia)

**Ilustrações** / Susano Correia e Tharciana Goulart

**Revisora** / Denize Gonzaga

**Projeto Gráfico e Diagramação** / Moisés Lavagnoli

**Tiragem** / 3 mil exemplares

## Entre em contato:

**Fundação Catarinense de Cultura**

Av. Governador Irineu Bornhausen, 5600.

Agrônômica – CEP: 88025-202

Florianópolis – Santa Catarina

**E-mail** / ocatarina@fcc.sc.gov.br

**Fone** / (48) 3664-2680

**Site** / www.cultura.sc.gov.br/ocatarina

Os textos assinados são de  
responsabilidade dos autores.

# Meu mago favorito

Por Marisa Napolini



**Estava na plateia** quando conheci Marcelo Muniz. Era início dos anos de 1980. Como manezinha atípica que sempre fui, habitante de (muitas) outras paragens, vinha passar as férias em Floripa, fugindo do monótono e insosso verão chuvoso de Brasília. Ficava hospedada no apartamento dos meus avós, nos arredores da Praça dos Bombeiros, e conseguia circular à noite, em plena adolescência, sem maiores preocupações e inquietações ligadas à segurança, à violência e a outros dramas contemporâneos. Nesta época, já tinha sido “contaminada” pelo vírus do teatro e aproveitava as férias sem pai nem mãe para conhecer um pouco da vida cultural da minha cidade natal, para onde eu voltaria em breve. Eram tempos de Vida, Aroeira, Sol da Terra, Vagão, Dizzy, Galheta, andanças pela Beira-mar... A bem da verdade, antes do Marcelo, eu conheci o Maurício, o primeiro dos Muniz que cruzou a minha vida. Depois, um/a a um/a, fui conhecendo os demais integrantes da icônica família que me marcou por motivos distintos e em tempos variados.

Aquele show do Grupo Engenho encantou a minha geração. Lembro que fui assistir com minha prima Nice, que na infância havia sido minha parceira, com todos os primos, nas brincadeiras de boi de mamão. Tínhamos um boi completo, construído pelo vô brincante Oswy, artesão e ex-dono de uma fábrica de brinquedos de madeira. Nós duas nos revezávamos na função da Maricota e do Pai Mateus e, com os demais, invadíamos os quintais das casas de amigos e parentes para dançar o boi e passar o chapéu. Era lindo aquilo, uma alegria sem fim! Os jardins da atual Macarronada Italiana foram palco de vários dos nossos folguedos, lá pelos anos de 1970. Ao ouvir “Eu vou botá meu boi na rua”, cantado e tocado com um vigor extraordinário, era impossível a gente não se comover com aquela revisitação das nossas histórias, brincadeiras e memórias. Além disso, a potência musical do grupo ampliava – e muito – os lugares de alcance de tudo o que se relacionava com a “cultura local”.

Sempre gostei de estar no mundo e cultivar certo nomadismo e, por muitos anos, não dei muita importância a essas coisas de valorizar as raízes. Isso foi mudando quando resolvi empreender um projeto, intitulado “América”, que incluía um espetáculo inspirado na história do meu bisavô paterno. O espetáculo circulou, emocionou, deu o que falar e acabou servindo de ponte para um convite que recebi no início de 1996, o qual aceitei de forma despreziosa, mas responsável. Um grupo de empresários e gestores ligados ao turismo, sob a liderança de Fernando Marcondes de Mattos, queria criar um evento próprio de Floripa, uma

espécie de Oktoberfest local. Tinham um nome para ele: Festival do Mar. Mas Fernando, na contramão da maior parte dos organizadores, fazia questão de criar um espetáculo original que falasse sobre a história e a cultura da cidade, só com artistas locais, envolvendo canto, música, dança e o que mais fosse possível. Todos achavam uma loucura. Ninguém iria ver. Melhor seria contratar uma banda pop nacional – Cidade Negra, Skank, qualquer uma dessas que enchia estádio – e garantir público para o festival. Além disso, certamente a cidade não contava com artistas de nível para tamanho desafio. Mas Fernando bateu o pé e me “encomendou” um espetáculo musical que já nascia com expectativa elevada. Encarei o desafio como uma provocação pessoal: era uma questão de honra mostrar que a cidade tinha talentos de sobra e pesquisadores de peso para dar conta do recado. Tínhamos apenas dois meses até a estreia de algo que ainda não tinha sequer embrião. Era preciso formar uma equipe ágil, talentosa e sincronizada em tempo recorde.

*Catharina*, uma ópera da Ilha foi gestada a muitas mãos, e o Marcelo teve mais que duas nesse balaio. Além de exímio musicista e compositor talentoso, ele tinha profundo conhecimento dos “causos” e das histórias da ilha, já que era discípulo de Cascaes e defensor ferrenho da cultura local. Mas nosso espetáculo tinha que ter ares contemporâneos, precisava unir tradição e contemporaneidade, segundo os padrões e as demandas da época. O time não era fraco: Bebel Orofino, Lau Santos, Rafael Pereira Oliveira, Sylvio Mantovani, Alejandro Ahmed, Fernando Torres (o Cebola, que depois foi substituído pelo Jefferson Bittencourt), José Alfredo Beirão, Marcelo Muniz e eu, além de um grupo enorme de bailarinos (Cena 11), músicos, atores, cantores e um trio de senhoras cantadoras de ratoeira do Canto da Lagoa. Marcelo compôs uma dúzia de músicas em poucas semanas, arranjou, ensaiou e esteve à frente do grupo de músicos durante as seis apresentações da primeira versão, que aconteceu em maio de 1996 (há exatamente 22 anos), e das várias versões apresentadas ao longo dos três anos seguintes.

Nos inúmeros e esgotantes ensaios feitos a toque de caixa, Marcelo estava quase sempre atrasado, atrapalhado com tantos instrumentos e cheio de ideias novas e “causos” curiosos para contar. Suas piadas também tinham lugar garantido antes de dar início a qualquer rotina de trabalho. A logística desse processo era complicada. Vários grupos criavam e ensaiavam ao mesmo tempo em locais distintos, e nós, do núcleo de criação, circulávamos pelos grupos fazendo a ponte, transportando músicas, imagens, sons e ideias, de modo a dar alguma coesão àquele emaranhado criativo. O resultado superou todas as expectativas, e o espetáculo marcou época pela forma peculiar com que uniu a pesquisa sobre as tradições a uma estética e linguagem contemporâneas, mas principalmente por ter revelado à cidade um grupo de artistas comprometido e com talento de sobra.

*Catharina* permaneceu em repertório por dois anos, época em que convivemos intensamente, e depois foi transformada em uma versão pocket, chamada de *Imaginária Ilha Catarina*, que nos possibilitou apresentar com mais frequência e participar da Expo 98, em Lisboa, cujo tema versava sobre “Os oceanos: um patrimônio para o futuro”, com o propósito de comemorar os 500 anos dos “descobrimientos” portugueses. Para Marcelo, participar daquele trabalho era uma dádiva. Ele falava com prazer sobre a importância do espetáculo naquele momento histórico. Ele era um entusiasta da *Catharina* e, até recentemente, sempre que nos encontrávamos, insistia para que retomássemos o projeto com uma versão atualizada do trabalho.

Tivemos ainda uma terceira parceria criativa. Em *Mágicos Navegadores*, que se inspirava nas obras literárias e plásticas de Cascaes e de Meyer Filho. Marcelo pôde aliar seu talento para composições densas e profundas (que já tinha gerado obras-primas, como *Praia Brava*, composta para *Catharina*) ao humor. A cena cinematográfica de abertura do espetáculo, com barcos conduzidos por marujos e navegadores atravessando o palco, ganhava uma dimensão épica sob sua conduta musical e uma iluminação primorosa. Por outro lado, a cena de guerra entre soldados portugueses e espanhóis, com uma visão clownesca das batalhas produzidas pelo Tratado de Tordesilhas, ganhava um tom leve e cômico com a música marcada pelo bom humor. Devo admitir que a relação entre o diretor Osvaldo Gabrieli e o diretor musical Marcelo nem sempre foi harmônica. A diferença nos ritmos criativos (e biológicos) volta e meia demandava minha intervenção para manter o processo fluindo. Mas novamente o resultado foi arrebatador e a contribuição do Marcelo não se deu somente na área musical, mas também por intermédio do seu profundo conhecimento das coisas e dos “causos” ilhéus, o que trazia um componente cósmico, transcendental a tudo o que passasse por suas mãos.

Marcelo era muitos. Às vezes se revelava um menino carente, ansioso para encontrar quem o escutasse com atenção e sem pressa, quem ouvisse seus lamentos e compreendesse suas suscetibilidades, que se traduziam com frequência em alta sensibilidade musical. Outras vezes, agia como um lobo feroz, com uma língua ferina, defendendo as políticas para a cultura e as tradições populares que tanto tentou proteger e manter. Mas preservava sempre o coração doce e generoso, e o olhar curioso.

Quando comemorei quarenta anos, minha mãe estava muito doente, quase partindo. Fiz uma festa em família, uma espécie de despedida festiva, e convidei o Marcelo para tocar. Ele era o único “forasteiro”, de fora do contexto familiar. A festa aconteceu em uma noite estrelada, na Praia Brava, e ele me presenteou com sua *Praia Brava* ao piano, em um momento que me marcou de forma bastante significativa. Poucos meses depois, ele repetiu a dose tocando na missa de sétimo dia da minha mãe, como que selando esse nosso encontro de almas. Quando o Marcelo faleceu, soube que havia passado suas últimas noites dividindo o quarto com meu tio, irmão dela, que estava internado no mesmo hospital. A coincidência me golpeou em cheio. Continuo me perguntando que recado foi esse que recebi tardiamente.

Nos últimos tempos, ele andava dando cada vez mais vazão à sua verve bruxólica, intuitiva, cosmovisionária, fazendo jus ao legado que herdou dos bruxos ilhéus. Não era raro ouvi-lo falar sobre outras dimensões ou sobre o desapego necessário a quem está de partida. Sabemos que a perda precoce da filha lhe causava muito sofrimento e, de alguma forma, alimentava seu pendor para a introspecção; no entanto, não o impediu de se dedicar com afinco ao seu último projeto artístico, que teremos o prazer de apreciar em breve, a produção solo *Fogo no Rebojo*, que contou com a participação de alguns de seus principais parceiros musicais.

Quando o Marcelo faleceu, liguei para minha amiga Bebel Orofino, e ela me disse, com afeto e tristeza, que eu integro o grupo de viúvas dele, do qual ela certamente também faz parte. Creio que somos muitas viúvas do Marcelo: amigas, irmãs, amantes, admiradoras, fãs confessas, parceiras artísticas... Marcelo partiu, mas nos deixou um legado fantástico, sonoro, espiritual, afetivo, imagético. Que o fogo sagitariano deste Mago singular continue nos aquecendo até o próximo encontro!

• Marisa Naspolini é atriz, produtora, professora, pesquisadora e jornalista •



# Do surf para a música: as ondas que inspiram

Por Emanuel de Souza Pereira



**Eu nasci em** Ubatuba (SP), capital do surf. Sendo assim, desde cedo eu já me dedicava a esse esporte. Entretanto, por ser filho do lendário músico Dudu do Banjo, essa incipiente carreira não resistiu à verdade vocação para a música. Foi quando, nos anos de 1990, o papai Dudu, ao ver que eu, meu irmão, Ícaro, e minha irmã, Francisca, já estávamos seguindo o mesmo caminho na música, logo formou uma banda de família. Nessa ocasião, minha mãe, sempre muito participativa, nomeou o grupo de Banda Papadu.

A partir desse momento eu passei a estudar obras de grandes guitarristas, baixistas e

compositores, e a música se tornou primordial na minha vida. Desde o início tocamos sempre com liberdade total para improvisar e criar, de uma maneira que ela fluísse naturalmente para novos caminhos e que o público pudesse ser levado por essas ondas sonoras. Foi então que, antes da virada do milênio, gravamos nosso primeiro CD, intitulado *Em Improviso*.

No início dos anos 2000, toda a Família Papadu se mudou para Florianópolis. Era chegada a hora de cursarmos uma faculdade. Com empenho, eu e meus irmãos passamos no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na Ilha, um dos primeiros lugares que tocamos foi no antigo Café Matisse, no Centro Integrado de Cultura (CIC). E assim rapidamente fomos descobertos pela galera mais antenada da Ilha, pois éramos uma banda “cult”, diferente de tudo o que rolava na cena cultural. Tocamos em todos os principais bares, parques e espaços culturais, assim como em grandes eventos, casamentos e festivais. Nossa carreira prosperava, tanto que diversas reportagens e matérias foram feitas sobre a Família Papadu, sobre o “Rei do Banjo”. Chegamos até a ser convidados para a campanha de fim de ano de uma empresa de comunicação, ao lado de grandes personalidades catarinenses. Enfim, Florianópolis nos acolheu muito bem.

Depois de me formar em 2008, cheguei a ministrar a disciplina de sociologia para o en-

sino médio, mais especificamente na Escola Paschoal Apóstolo, mesmo tocando no Café de La Musique (Jurerê Internacional) nos fins de semana. Neste mesmo ano, comecei a estudar música na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Em 2010, passei no concurso da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e, em 2012, fui convidado a retomar o projeto TAC 6 e Meia, que nos anos de 1980 e 1990 tinha o objetivo de promover, semanalmente, espetáculos de música, dança e teatro. Foi com base nesse conceito que surgiu o TAC 7:30 (atual TAC 8 em Ponto), um projeto que deu tão certo que em 2014 foi ampliado para o CIC 8:30 – Grandes Encontros.

Em suma, trabalhar com eventos musicais como esses é a realização de um antigo sonho desde a época em que eu participava como artista em projetos semelhantes e uma grande satisfação, principalmente por poder acompanhar o desenvolvimento da música catarinense, das carreiras dos artistas e oportunizar apresentações e encontros de grandes talentos da música no estado.

- Emanuel Pereira é servidor efetivo da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e coordena os projetos TAC 8 em Ponto e CIC 8:30 – Grandes Encontros •

## O rock vive aqui

Por Thiago Mates

Foto: Blackout Fotografia



**Eu faço parte** da banda Stella Folks, que surgiu em novembro de 2016. A Stella toca rock. Somos inspirados pelos Beatles, Oasis, Rolling Stones e Arctic Monkeys, além de bandas nacionais, como Legião Urbana, Barão Vermelho, e de extintas bandas de Floripa, como Aerocirco, Samambaia e Tijuquera.

Tudo começou quando fomos convidados e selecionados pelo projeto “Liverpool Sessions”, após inscrevermos uma música de nossa autoria, intitulada *Em Alemão*. Para participar, gravamos um vídeo no espaço da Caixa de Ideias do Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC). Esse foi o embrião para novas composições e para a solidificação da banda.

Com o desejo de divulgar o trabalho, em 2017, lançamos um *single* chamado *Despertador*, que foi gravado e produzido em Belo Horizonte/MG por Fábio Della Giustina, ex-integrante da Banda Aerocirco. Esse foi o ponto de partida para a formação da banda, que possui mais dois integrantes, Bernardo Lajús (guitarra) e Heyder Lentz (baixo) e, logo, para o início dos shows. Um ano depois, mais amadurecidos, participamos do encerramento da 6ª Semana do Rock Catarinense, evento organizado pelo produtor Geraldo Borges que contou com 46 shows, três documentários e três rodas de conversa e cujo objetivo é fortalecer o movimento autoral na cidade e discutir o futuro de bandas e músicos.

Como mais uma opção de apresentar nosso trabalho, estamos nos empenhando para lançar em breve um álbum que terá cinco canções inéditas, com gravação e produção musical do renomado Alexei Leão.

Sonhando em engrandecer o cenário da música autoral da capital e do estado, a Stella Folks compartilha do mesmo pensamento do vocalista Alex Turner, da banda Arctic Monkeys, que sintetiza o sentimento de que o rock está sempre presente e pode ser recriado por novos grupos ao redor do mundo: “o rock simplesmente não vai embora. Ele pode hibernar de tempos em tempos, afundar no pântano [...] mas ele sempre está lá, bem próximo, pronto para voltar pelo lodo e entrar quebrando o teto de vidro, melhor do que nunca.”

Com esse espírito, queremos ter nossas histórias partilhadas por meio de nossa música, para todo o nosso povo. Porque acreditamos que o que é feito genuinamente, como o rock, fica pra sempre!

- Thiago Mates é hostess do Centro Integrado de Cultura (CIC) e membro da banda Stella Folks •

# A Música em Desterro (Florianópolis) nos períodos colonial e imperial

Por Simone Gutjahr

No século XVIII já existiam, na Vila de Nossa Senhora de Desterro, músicos que atuavam em diferentes setores da sociedade, tanto no âmbito profano quanto no âmbito sacro. Um dos espaços para a atuação desses músicos era proporcionado pelas irmandades e ordens terceiras, que realizavam uma série de eventos relacionados ao calendário religioso e outros comemorativos, de cunho político e social. Essas associações foram instituídas na Ilha de Santa Catarina por meio dos imigrantes portugueses, algumas ainda no século XVIII, como a Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, instalada em 1745; a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, posteriormente Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, de 1750; e a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, instituída em 1765. A documentação dessas instituições apresenta informações relevantes sobre a prática musical na cidade desde as primeiras décadas de sua fundação.

Embora houvesse diversas associações religiosas em Desterro, durante esse período, foram evidenciadas apenas três delas, que, além de serem as mais antigas, são as poucas que ainda preservam em seus arquivos a documentação da época. Os dados obtidos com base nessas fontes foram comparados a outros documentos e revelam aspectos da vida musical em Desterro nos séculos XVIII e XIX.

Considerando essas informações, surgem alguns questionamentos, quais sejam: Quem eram esses músicos? Que atuação tiveram no âmbito musical sacro e sociocultural de Desterro? Quais são as fontes documentais sobre a vida e a atuação desses músicos nesse contexto?

Nos acervos consultados, foi possível coletar informações sobre os mestres de capela, referenciados frequentemente na documentação durante a segunda metade do século XVIII e a primeira década do século XIX.

Dentre os vários músicos que atuaram nesses espaços, um deles se destacou:

**João Francisco de Souza Coutinho** (Desterro, 29/03/1804 – idem, 11/09/1869). A bibliografia disponível aponta que Coutinho



Fotos: Márcio H. Martins

foi um dos mais prolíficos músicos de Desterro e que exerceu atividades como compositor, regente, organista, instrumentista e professor de música. Filho de Genoveva Francisca de Souza e do Padre Domingos Francisco de Souza Coutinho, estudou com Francisco Luiz do Livramento e Francisco de Souza Fagundes. Dividiu sua atuação profissional entre cargos públicos e as atividades de músico e provedor da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (1845-1849), além de Irmão Ministro da Ordem Terceira, tendo sido eleito em 1855.

Coutinho iniciou sua atividade como professor de música em 1833; no ano de 1850, fundou a Sociedade Philarmônica, que também dirigiu, e da qual, em algumas ocasiões, participou como pianista, acompanhando cantoras.

Em seu ofício como músico, atuou em festividades, missas e procissões: na Ordem Terceira, foi músico entre 1830 e 1844, assim como organista nas missas de domingo, em 1834. De 1830 a 1837 e, em 1840, fez parte da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos.

Segundo Cabral (1951), compôs peças sacras como um *Te Deum*, uma *Missa do Santíssimo Sacramento*, *Semana Santa*, *Missa de Réquiem* e alguns hinos — entre eles, a melodia do *Hymno Catharinense*, o *Hymno a suas Magestades Imperiaes* e o *Hino à Virgem Nossa Senhora das Dores*, mencionado pelo *O Cruzeiro do Sul* como “composição poética do [...] Manoel de Araújo Porto-Alegre, e musical do [...] Comendador João Francisco de Souza Coutinho” (14 abr. 1859).

De sua produção, foram encontrados o *Hymno Catharinense*, o *Hymno a suas Magestades Imperiaes*, que até o momento não havia sido mencionado pela historiografia — e o *Te Deum* em *Do Maior*.

Este último representa, até então, a produção musical do repertório sacro composto em Desterro na primeira metade do século XIX, e nos permite mais concretamente ter uma noção de como era a música escrita naquele período.

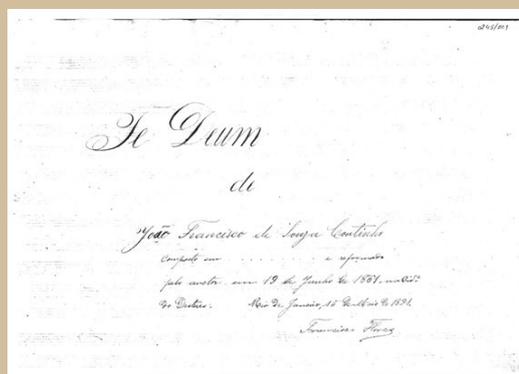




Bruxa da Ilha  
Grafite e aquarela sobre papel

## O TE DEUM EM DÓ MAIOR

Com data não especificada, esta obra foi localizada no acervo do Museu da Inconfidência de Ouro Preto-MG, tendo sido escrita no século XIX. Seu manuscrito apresenta apenas uma referência de que ele teria sido “reformado pelo autor em 19 de junho de 1861, na cidade de Desterro”, e copiado, possivelmente, no Rio de Janeiro, em 1891, por Francisco Flores, como indica o frontispício abaixo.



### Frontispício do Te Deum de João F. S. Coutinho, anterior a 1861.

Fonte: Coleção Francisco Curt Lange, Acervo de Documentos Musicais de Ouro Preto.

Uma hipótese é que esta obra teria sido composta para a visita de D. Pedro II a Desterro, em 1845. Notícias descritas pelo jornal *O Relator Catharinense* (18 de outubro de 1845),

criado exclusivamente para dar cobertura à vinda de D. Pedro II, relatam sua chegada em 12 de outubro de 1845, mencionando que um “solene Te Deum”, de autoria do compositor desterrense João Francisco de Souza Coutinho, foi “dignamente executado pelo Coro de distintos empregados públicos, e oficiais da Guarda Nacional” ao chegarem à Matriz desterrense.

A obra é dividida em 22 seções, para coro e solistas, e conjunto instrumental, e apresenta uma combinação de instrumentos de

cordas de uma orquestra, instrumentos de sopro (flauta, clarinete, cornetim, trombone, oficleide) e percussão (bumbo), sendo que estes dois últimos grupos são característicos da instrumentação de bandas do século XIX.

É pertinente considerar que Coutinho tenha escrito para essa formação instrumental, pois eram os instrumentos que teria à disposição em Desterro no momento da composição.

Em se tratando da formação vocal, é curioso mencionar a ausência de contraltos na peça, o que leva a questionar o motivo. Uma hipótese a se considerar é que, da mesma forma que Coutinho usou vários instrumentos, porque eram os que estavam disponíveis na banda (com exceção das cordas), o compositor não deveria ter à disposição um coro completo para isso. Os jornais se referem como sendo um “coro dos empregados públicos e oficiais da Guarda Nacional”, ou seja, deviam ser homens em sua maioria (ou até mesmo na totalidade) — essa suposição também reforça a hipótese de que se trataria da mesma obra. Tais informações levam a outros questionamentos, tais como: quem seriam as sopranos? Talvez crianças?

De um amplo ponto de vista, e em função da época em que foi composto, poder-se-ia mencionar que este *Te Deum* calha, aproximadamente, com o momento em que a atuação dos músicos e a prática musical se ampliavam a outros contextos de maneira mais evidente, expandindo do âmbito sacro e atingindo ambientes profanos, fato revelado por meio de publicações dos jornais.

Embora tenham surgido outros espaços para a atuação dos músicos, a priori, esse fato parece não ter afetado a prática musical efetuada nas associações religiosas.

- Simone Gutjahr é licenciada em Educação Artística (Música) e mestre em Musicologia Histórica. Professora de Artes-Música do IFC e autora do livro *A Música em Desterro (Florianópolis) nos períodos colonial e imperial* •

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Oswaldo. *A Música em Santa Catarina no Século XIX*. Florianópolis: IHGSC, 1951.  
 \_\_\_\_\_. *Nossa Senhora do Desterro – vol.2*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.  
 GOMES, Manoel. *Memória Barriga-verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990.  
 MELO, Oswaldo. (Coord.) *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: IHGSC, 1991.  
 ROSA, Hélio da. *Dicionário da Música em Santa Catarina*. Florianópolis: IHGSC, 2002.  
 VOTSF.LRD3. *Livro de Receitas e Despesas (1805-1839)*. Arquivo da VOTSFP, Florianópolis.  
 VOTSF.LRD4. *Livro de Receitas e Despesas (1839-1852)*. Arquivo da VOTSFP, Florianópolis.

ISJP.LRD3. *Livro de registros de Receitas e Despesas (1830-1847)*. Arquivo da ISJP, Florianópolis.  
 INSR.LC2. *Livro caixa 4 (1829-1847)*. Arquivo da INSR, Florianópolis.  
 O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, 1858-1860.  
 O RELATOR CATHARINENSE. Desterro, 1845.  
 COUTINHO, João Francisco de Souza. *Te Deum Do Maior*, [18?]109p. Fotocópia em fl. avulsas. Acervo de Documentos Musicais do Museu da Inconfidência, Coleção Francisco Curt Lange, Ouro Preto.

# A alma de várias artistas em uma

**Tatiana Cobbett** é bailarina, cantora, compositora, autora, poeta e diretora. Formou-se pela escola de danças do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1978. Como solista, fez parte de uma companhia de dança durante 12 anos e percorreu todo o Brasil, além da América Central, da América Latina e de alguns países da Europa.

Entre outras realizações, publicou um livro de poemas e letras, intitulado *Básicas Composições*. Desde 2000, como cantora e compositora, desenvolve em parceria com o músico gaúcho Marcoliva um trabalho de composições próprias registradas em cinco CDs.

## Que tipo de artista você é? Como você se define?

Não sou muito dada a tipos. Se tenho que me definir, diria que sou uma profissional que busca a competência e acredita no coletivo. Arte é lida, munição, saudação e, dentro dessa perspectiva, quero estar sempre aprendendo e agregando.

## Como foi a passagem por Portugal? E que trabalho está desenvolvendo?

Estou dando a largada no *Raparigas do Groove* (um quarteto lusófono) e conto com as seguintes parceiras: Iris Sarai no piano, Poliana Magalhães no baixo e Juju Batera na bateria. Estamos trazendo para o repertório composições minhas e compositores atuantes da cena lisboeta e afins. Além disso, retomei minha oficina “Corpo Lúdico” como instrumento de inserção e intercâmbio. Também estou trabalhando com o violonista Miguel Ataíde (catarinense) e com o flautista Márcio Lima. Montamos o *Aconchego Sonoro*, trabalho no qual buscamos referências nossas dentro da música brasileira e composições próprias, mesclando música instrumental e canção.

## Por que decidiu sair do Brasil?

Não foi uma decisão repentina. Foi um processo cuja intenção é alargar horizontes com base na minha experiência com parcerias e intercâmbio cultural.

## Você transita entre a poesia, a dança e a música. Qual dessas artes está mais presente na sua vida?

Minha formação foi a dança e tive oportunidade de exercer essa escolha de forma intensa e significativa. Trabalhei por anos no Balé Stagium, companhia que é marco e divisor de águas na Dança Brasileira. Foi uma experiência que também me proporcionou estar aberta a outras linguagens — e nunca parei de me formar, informar. Arte é o que permeia minha vida e não vejo distância entre dança, poesia e música. Para a arte, sou só um corpo a serviço, uma mente efervescente, uma alma sedenta.

## Há outra arte em especial que a inspira ou a que você tenha se dedicado recentemente?

Em arte, gosto de tudo: do processo, da produção, inspiração, criação, realização, do conceito, objeto, objetivo e, sim, me dedico incansavelmente.

## Você nasceu no RJ, passou por São Paulo e por Nova Iorque. Por que escolheu Florianópolis para viver?

Já na primeira vez que visitei Florianópolis, a cidade me tomou por inteira. Paixão sincera, tanto por sua natureza bela como por suas naturais mazelas. E foi assim, sem nunca pensar muito.

## Como foi gravar um disco que foi patrocinado por meio de financiamento coletivo?

Sou literalmente uma defensora crédula dessa forma libertária de financiamento.

É trabalhoso, mas assegura o fazer, dá credibilidade e responsabiliza o produto. Fazer um disco é querer imprimir sua marca, seu entender, fechar questão daquele momento e pra lá do comercial é ação cultural. Então, ser financiado pelo interessado é legitimar verticalmente.

## Recomenda esse modelo para financiamento de projetos culturais?

Totalmente!

## Você realizou e realiza muitas parcerias com o músico Marcoliva. Como tem sido essa sonora parceria?

Marcoliva é meu parceiro. São 18 anos de produtividade, trocas e eternas descobertas. A *Sonora Parceria* é uma experiência em constante transformação. Pro agora estamos, ambos, esculpindo novos caminhos, uma liberdade a que nos permitimos, justamente pelo tempo intenso e de relevante convivência.

## E o retorno Florianópolis?

O propósito de residência artística por aqui já leva em conta alguns retornos.

É lá e cá.

Meu retorno para Florianópolis leva o “Raízes - Um Piano na Amazônia”, projeto em parceria com a pianista Carla Ruaro. Nele, faço a direção artística e, com financiamento colaborativo e apoios diversos, reunimos uma equipe maravilhosa e levamos um piano dentro de um barco para o rio Arapiuna, localizado no estado do Pará, mais especificamente na reserva extrativista Tapajós. A experiência foi registrada em um álbum duplo (DVD/CD).

## Pode adiantar quais seus projetos futuros?

Projetos futuros? Ah, dar conta dessas iniciativas já me parece um futuro promissor. Estou sempre buscando espaços, ideias, parceiros.... É como disse Sérgio Ricardo: “Tenho pra minha vida. A busca como medida. O encontro como chegada. E como ponto de partida?”.

# Momentos do **conflito**

*Imagens da Guerra do Contestado*



As fotos apresentadas retratam um dos momentos mais marcantes da história de Santa Catarina: a **Guerra do Contestado**. São imagens produzidas pelo fotógrafo Claro Gustavo Jansson, que ficou conhecido como o “fotógrafo do Contestado”.

Provavelmente policiais catarinenses.  
Canoinhas, Guerra do Contestado.

Forças legais em barricada de madeira na  
sede da Serraria Lumber em Três Barras.



Desfile das Forças Legais do Paraná seguindo  
para a luta. Porto União da Victória.

Famosa foto de vaqueanos na serraria Lumber.  
Três Barras, SC, 1915.



Jansson nasceu em Hedemora, Suécia, em 1877, e mudou-se para o Brasil com apenas 14 anos, adotando o nome de Klas Gustav Jansson, que mais tarde foi abrasileirado para Claro Gustavo. Residiu no Paraná, passou por São Paulo e foi além das fronteiras, percorrendo a Argentina, o Uruguai e o Paraguai.

Quando morou em Santa Catarina, mais especificamente na cidade de Três Barras, foi contratado pela empresa norte-americana Lumber e teve a oportunidade de fotografar a guerra.

Faleceu em 1954, aos 77 anos, em Curitiba, onde foi sepultado. Apesar disso, deixou registradas cenas que servem para a posteridade conhecer os diversos momentos desse importante conflito.

Estas imagens fazem parte de uma pesquisa que resultou em uma biografia, intitulada *Claro Gustavo Jansson, o fotógrafo do Contestado*, escrita pela historiadora e professora Rosa Maria Tesser. Com base nela, foi concebida uma exposição itinerante, que já passou por 19 cidades catarinenses desde 2016, contando com grande circulação de público escolar e professores. As fotos que compuseram a referida mostra serão abrigadas na cidade de Irani, berço do conflito.

# Arte e Cultura em páginas abertas

**Aberta ao público** desde agosto de 2017, a Biblioteca de Arte e Cultura da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) oferece ao público um acervo especializado em artes visuais, cinema, música, teatro, dança, patrimônio cultural, arquitetura e fotografia. Atualmente, são aproximadamente duas mil obras distribuídas nas prateleiras desse espaço cultural.

Por ser um acervo internacional muito especializado, com obras diferenciadas e apenas um exemplar por título, não é possível retirar os livros. Mas eles estão disponíveis para consulta local. Vale destacar que o espaço possui obras que foram selecionadas pelo corpo técnico da Diretoria de Difusão Artística da FCC especialmente para essa biblioteca. Elas foram compradas com recursos do Edital ProCultura de Estímulo às Artes Visuais da Funarte e, aos poucos, o conjunto vai crescendo com o auxílio de doações.



Foto: Márcio H. Martins

## Oficinas, entrevistas e parcerias

A Biblioteca de Arte e Cultura mantém uma parceria com a empresa Personates, com o objetivo de implementar uma metodologia para que a biblioteca funcione como um Núcleo de Inteligência Social. A intenção é integrar, de forma efetiva, um modelo de articulação entre agentes da comunidade local e a produção de conteúdos em formato digital, criando ambientes orientados à cocriação. Como resultado dessa parceria, foi criado o site da biblioteca, que utiliza o sistema de Curadoria Colaborativa de Coleções, por meio do qual pessoas são convidadas a fazer uma curadoria do acervo e expor essa seleção nas estantes expositivas da biblioteca. Esta mesma coleção fica exposta de forma diferenciada no site, com destaque para o curador.

“Todo o acervo está organizado em forma de pequenas coleções. Não utilizamos os padrões da biblioteconomia. Aqui as pessoas podem interferir na sua organização, montando suas coleções de preferência, seja para expor nas estantes expositivas, seja para formar uma coleção de forma a agrupar títulos que, normalmente, pelo tipo de assunto, não estariam juntos”, explica Esni Soares, coordenadora da Biblioteca.



Além da Curadoria de Coleções, também foi iniciado o projeto “Uma Leitura Puxa Outra”, no qual são convidadas personalidades da cultura para falar sobre suas referências literárias. Trata-se de uma entrevista gravada e disponibilizada no site [artecultura.inf.br](http://artecultura.inf.br).

Também foram programadas oficinas abertas ao público em geral sobre uma metodologia de organização de coleções, contado histórias por meio dos artefatos e registrando a memória social. “A ideia é ampliar estas parcerias, para termos outros cursos e oficinas na biblioteca. Temos um acervo riquíssimo que pode ser usado como base; o que falta é pessoal que queira e goste de trabalhar com arte e ensinar. Vale destacar que esse projeto só foi possível com a parceria de voluntários”, destaca Esni.

## A criação

“A ideia nasceu em um café da tarde com Cléber Teixeira. Três anos depois e após muitas e muitas conversas e consultas, ao desmaiar das tardes, nasceu o conceito da única biblioteca especializada em arte e cultura de Santa Catarina. Então, uma equipe formada por três servidores da FCC deu identidade e vida ao projeto, que foi aprovado pela Funarte no início de 2010. A concepção original passou por adaptações espaciais e hoje pode ser visitada em uma sala ampla para leitura, pesquisa e conversas”, conta a diretora de Difusão Artística da FCC, Mary Garcia, responsável pela criação.

O acervo não está disponível em formato digital. Porém, por meio do site da Biblioteca de Arte e Cultura, é possível conferir quais são as obras existentes.

O espaço é utilizado para lançamentos de livros sobre arte e cultura e, para completar, também conta com um jardim interno que pode ser usado para pequenos saraus ou apresentações musicais. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 13h às 19h.

## Quartas italianas

Com o apoio do Núcleo de Estudos Contemporâneos de Literatura Italiana (NECLIT) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o projeto “Quartas Italianas” consiste em dois encontros mensais, que acontecem na segunda e na última quarta-feira de cada mês, às 18h30. O intuito é formar uma roda de leitura de fragmentos e textos de literatura italiana, que podem ser lidos em italiano, acompanhados de tradução. Tal projeto é dirigido a um público multicultural e interessado em literatura em geral, e pretende, por meio de leitura e conversa, oferecer um espaço aberto para se entrar em contato com autores e fragmentos escolhidos.

# Dança: perspectiva contemporânea

A Dança Contemporânea é, no que diz respeito à receptividade do público leigo e/ou especializado, uma linguagem artística atravessada por contrassensos. Sendo assim, depara-se, comumente, com os seguintes comentários: não gostei, pois não entendi nada; não captei a mensagem do espetáculo; isso é coisa de louco. Diante disso, o desafio está posto: como pensar possíveis modos de recepção artística?

Por Elke Siedler



Compreende-se que dança cênica estabelece uma comunicação entre obra e público. Mas opera diferentemente de modelos de linguagens verbais baseados na produção de uma mensagem a ser recebida por alguém. As artes do corpo estabelecem um diálogo ético-estético com o público, geram uma experiência cognitiva diferenciada, organizada sob outras lógicas de enunciação de ideias e propostas.

De fato, a linguagem da dança opera por diversos símbolos (gestos, movimentos corporais, música, silêncio, figurino, objetos cênicos, luz, entre outros). As diferentes vias de acesso à aproximação de uma dança causam a conexão e articulação particular de informações socioculturais daqueles que assistem à obra artística. Isto é, uma dança é capaz de gerar uma pluralidade de interpretações, diversas atribuições de significados, uma vez que cada espectador constrói relações segundo suas vivências e experiências de vida, sua subjetividade individual e coletiva. Nesse aspecto, o espectador é sujeito ativo na construção de sentidos.

A artista plástica Isis Ferreira Gasparini, por esse viés, defende que a percepção de cada pessoa que assiste a uma apresentação é uma espécie de recriação da obra. A obra de arte é, portanto, a somatória do ponto de vista do artista com aquele construído pelo espectador. Entretanto, é importante ressaltar que, em acordo com a pesquisadora Helena Katz, uma proposição artística é dotada de caminhos que sugerem possibilidades de leitura, questionamento e reflexão.

Nesse sentido, a contemporaneidade do fazer, dizer e pensar a dança, dita de outro modo, a dança contemporânea, é materializada em uma pluralidade de manifestações distintas (espetáculos, instalações, intervenções urbanas, performances). Artistas propositores da cena inventam lógicas de composição de corporalidades, criam novas organizações dramatúrgicas. A dança, nesse aspecto, é entendida como um ambiente de produções inventivas de coerências e com níveis de complexidades distintas em suas coreografias. Talvez por isso a criação de modos compositivos contemporâneos cause espanto: são julgadas estranhas e feias, se comparadas com as configurações de linguagens tradicionais e/ou populares da dança.

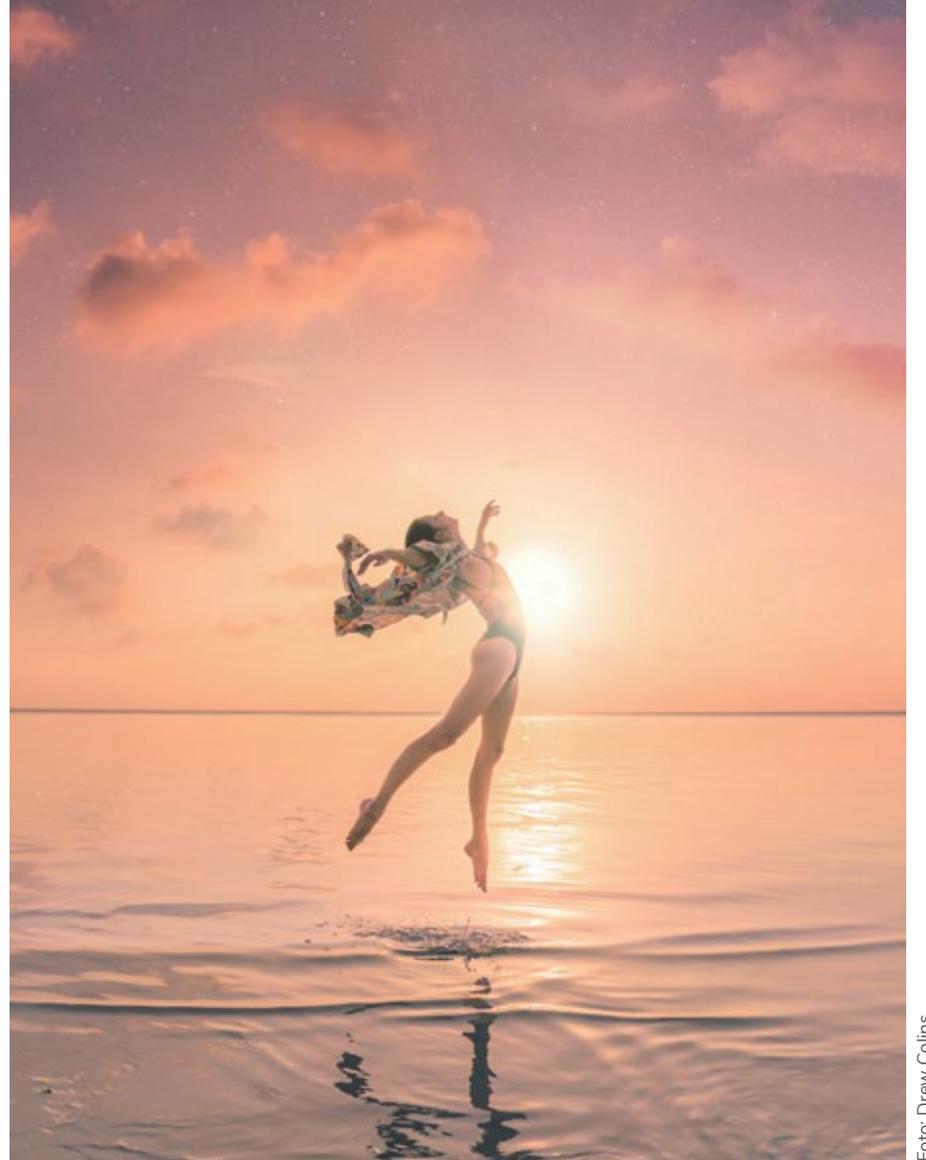


Foto: Drew Collins

Mas o que é dança contemporânea? Não existe um conceito uno que dê conta da sua complexidade. Entretanto, dentro das imprecisões conceituais, pode-se pensar em um conjunto de múltiplas práticas e procedimentos inter, multi e transdisciplinares que englobam o heterogêneo. Sua esfera de operação se distancia das lógicas de pensamento de tradições históricas da arte, de formalismos pré-determinados.

Por certo, o fazer contemporâneo das artes não é, necessariamente, uma ação feita no presente, na atualidade. Para melhor (in) compreensão, pode-se fazer um paralelo com o Ensaio “O que é contemporâneo”, do filósofo Giorgio Agamben. O referido autor compreende esse conceito enquanto tudo aquilo que não coincide perfeitamente com seu tempo ou que não está adequado às suas pretensões. Isto é, todos que aderem plenamente com a época não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la. Ressalta, ainda, que contemporâneo é aquele que mantém o olhar fixo em seu tempo, para perceber não as suas luzes, mas sim as suas sombras.

Em suma, experimentações e explorações de artistas propositores dão visibilidade a distintas visões de mundo. Por isso fica aqui o convite provocativo: que tal experimentar danças de ação dissensual atreladas a novos modos de ver, organizar e enunciar o real, justamente por ser uma manifestação de perturbação do sensível, provocadora de modificação singular do que é visível e dizível? Você se permitiria vivenciar uma obra de dinâmica do dissenso, desestabilizadora de fazeres-dizeres cotidianos?

- Elke Siedler é artista da dança e doutora em Comunicação e Semiótica PUC/SP •

Foto: Craig Whitehead



# Um olhar sobre a **infância**

Por Luiza Lins

O audiovisual é uma importante ferramenta educativa que, quando trabalhado desde a infância, pode oferecer uma grande contribuição à construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Por isso, valorizar e investir nas nossas crianças é também cuidar da sociedade, o que acaba por desenhar um futuro com pessoas economicamente produtivas e pensantes. Por isso a importância de um festival dedicado à infância.

Ao chegar à sua 17ª edição, a Mostra de Cinema Infantil — realizada em duas etapas, que somaram 17 dias de programação gratuita e inclusiva — recebeu cerca de 20 mil pessoas, número que nos faz cada vez mais reafirmar o nosso compromisso com as crianças, dando voz à sua pluralidade e às suas diferenças. Ao longo de todos esses anos, exibimos mais de mil filmes protagonizados por crianças e ampliamos, a cada edição, o olhar e a programação para o público adulto. Afinal, é também com essa plateia, formada por mães, pais, educadores, produtores e realizadores, que devemos dialogar.

A realização de uma mostra desta relevância não teria sido possível sem o apoio do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio de editais e de leis de incentivo, e a confiança de empresas privadas e estatais que desde o começo desta trajetória têm se empenhado em concretizar esse projeto, o que confirma a importância de mecanismos de apoio e incentivo para o fomento à produção e à promoção de iniciativas culturais.

Importantes para a cadeia produtiva, políticas culturais de ação afirmativa como estas fomentam o mercado e servem de estímulo às empresas e ao desenvolvimento da indústria tecnológica. Isso pode ser constatado no estado de Santa Catarina, que reúne pelo menos 10 importantes produtoras de animação e 20 produtoras de ficção, além de faculdades de cinema e outras iniciativas, como escolas e empresas especializadas em games, revelando um nicho em expansão quando o assunto é produção de animação e games.

Sendo assim, atenta à capacitação de realizadores locais e ao fomento da produção,

a Mostra de Cinema Infantil tem investido cada vez mais na capacitação de produtores e realizadores locais, por meio dos fóruns e encontros que já acontecem dentro do festival. Com foco nesse setor, realizamos no mês de outubro o encontro de Mercado e Conteúdo de Ficção, Animação e Games. O objetivo foi reforçar o potencial das indústrias de animação e games de Santa Catarina e consolidar a vocação de Florianópolis na produção de conteúdo para a infância. É um incentivo da mostra para formar e capacitar o mercado e construir, com os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, uma indústria criativa de nível internacional.

Com isso, esperamos também contribuir para que Santa Catarina tenha mão de obra qualificada para acompanhar esse crescimento e desejamos que essas produções ultrapassem o uso da linguagem audiovisual como mercadoria, provocando uma reflexão crítica nos produtores, nos realizadores e no público, até porque esse assunto não se esgota aqui. Ele merece ser visto e debatido por todos!

- Luiza Lins é diretora da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis •



Foto: Márcio H. Martins

# O **teatro** como arte, entretenimento e estímulo no ambiente de trabalho



Foto: Noir Shadow Photography.

O grupo **Nós Amamos Fazer Teatro (N.A.F.T.)** foi criado pela atriz, diretora e professora Fabiana Franzosi em 2012, na capital. Além da produção de peças, o grupo disponibiliza oficinas de teatro em diversos espaços, atendendo adultos, jovens e crianças. Cerca de 50 alunos ingressam nas atividades a cada ano e todo integrante faz aulas, trabalha as técnicas teatrais e ainda se apresenta.

“Há alguns anos, vendo o *making off* do filme ‘Bastardos Inglórios’ fiquei impressionada com a energia da equipe. Em uma cena grande, envolvendo muitos atores, técnica e equipamentos, o diretor Quentin Tarantino gritou: ‘corta!’. Todo o estúdio ficou em silêncio esperando a revisão da cena. Depois de alguns minutos de tensão, ele disse: ‘Ficou lindo!’. Todos aplaudiram, trocaram abraços e Tarantino continuou: ‘Mas nós vamos gravar

mais uma vez, porque...’ E todos no estúdio gritaram de volta: ‘Porque nós amamos fazer cinema!’. Eu adorei aquele envolvimento, aquela alegria de criação e de fazer o que se ama com convicção. Não tive dúvidas e pensei que quando eu tivesse o meu grupo de teatro, ele se chamaria Nós Amamos Fazer Teatro. E assim é”, conta Fabiana.

Uma das iniciativas é a oferta de teatro corporativo e peças criadas especificamente para as empresas. Conforme Fabiana Franzosi, nas oficinas para os colaboradores são usadas as técnicas teatrais para vivenciar o momento - no teatro e também fora dele - para perceber melhor o espaço e ter mais controle corporal, valorizando o trabalho em equipe. Além disso, a técnica é usada para ter autocontrole, aprendendo a dominar as emoções, ações e reações, além de relaxar,

controlando o nervosismo e a ansiedade. Uma das peças criadas especificamente para empresas foi elaborada para uma fábrica de calçados. As apresentações ocorreram no lançamento de uma campanha nacional e depois o grupo saiu em turnê pelo Brasil, acompanhando a equipe da empresa com apresentações durante as convenções.

Nos palcos, já são aproximadamente 20 peças produzidas e apresentadas pelo grupo. Uma delas, intitulada *Suspeitos* foi apresentada no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC), em Florianópolis, em 2017. “A experiência foi incrível. O teatro estava lotado e o público foi sensacional. As pessoas não deixavam os atores saírem do palco”, relata Fabiana. Em março de 2018, foi apresentada a peça *75 Punhaladas*, integrando o projeto TAC 8 em Ponto.

# Rascunho a Cruz e Sousa

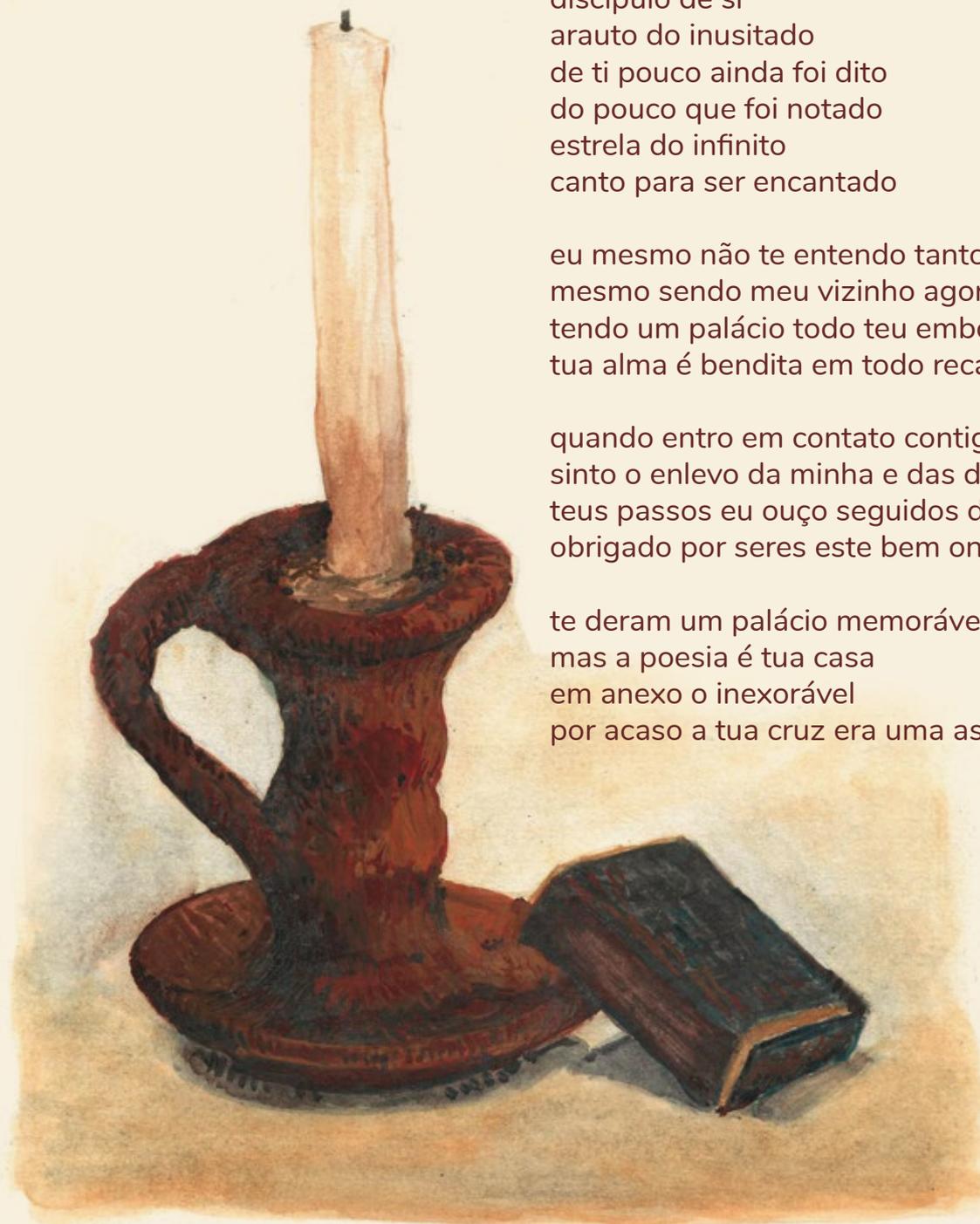
Oswaldo Domingos Ferreira  
Poeta

cisne negro  
príncipe de tudo que é principal  
corpo onde o poema habita  
hábito de não ser banal  
trissípulo de todas as estações  
discípulo de si  
arauto do inusitado  
de ti pouco ainda foi dito  
do pouco que foi notado  
estrela do infinito  
canto para ser encantado

eu mesmo não te entendo tanto  
mesmo sendo meu vizinho agora  
tendo um palácio todo teu embora  
tua alma é bendita em todo recanto

quando entro em contato contigo  
sinto o enlevo da minha e das demais almas  
teus passos eu ouço seguidos de palmas  
obrigado por seres este bem onde me abrigo

te deram um palácio memorável  
mas a poesia é tua casa  
em anexo o inexorável  
por acaso a tua cruz era uma asa.



# Sem Janga

Sem Janga, ficamos sem o guardião da memória da arte produzida no estado nas últimas décadas.

Sem Janga, ficamos sem a última grande personalidade surgida nos anos 1970 no circuito de arte em Santa Catarina.

Carismático e complexo, Janga conjugava paixão e isenção em sua atividade como crítico. E por sua atuação contundente, se manteve por décadas - como referência para a discussão dos problemas e impasses do nosso circuito.

Janga encarnou de modo singular as tensões da cultura de Santa Catarina e seu legado é muito mais amplo do que se pode mensurar, pois sua atuação está presente na estrutura e no caminho de muitos artistas.

De minha parte, devo ao Janga muitos momentos importantes do meu percurso. E pude, nos últimos anos, conversar com ele algumas vezes, perguntar sobre aspectos do desenvolvimento do circuito do estado, de personagens e momentos que desconhecia. E contar com seu entusiasmo, generosidade e inteligência.

Janga nunca faltou às polêmicas e às lutas pelo adensamento da produção de arte no estado. Sua atuação é insubstituível.

Janga é sinônimo de compromisso, coragem, isenção e paixão. Um nome e um motivo para continuarmos no nosso constante trabalho de Sísifo. Devemos isso a ele.

**Fernando Lindote**  
Artista plástico



Janga  
Menina com gato no colo

**No dia 18** de agosto, Santa Catarina perdeu o artista João Otávio Neves Filho, nascido em Florianópolis em 1946.

Janga, como era conhecido, teve forte ligação com a arte e a cultura, com vasto currículo no campo das artes visuais, curadoria de

exposições, crítica, divulgação e promoção da arte catarinense - em especial - de Florianópolis. Foi o idealizador da galeria de artes Casa Açoriana: Artes e Tramoias Ilhoas, em 1985, em Santo Antônio de Lisboa. Também foi membro do Conselho Estadual de Cultura.

Recentemente Janga foi curador da exposição "Pléticos – Espaço, Geometria e Construção", em homenagem ao artista croata, radicado em Santa Catarina, Sílvio Pléticos, no Museu de Arte de Santa Catarina (MASC).

# Os 70 anos do MASC

**MASC**  
museu de arte  
de santa catarina  
1948-2018  
**SETENTA  
ANOS 70**

O Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) está comemorando 70 anos de atividades, atrelando seu marco inicial à primeira exposição de arte contemporânea realizada na capital, mais especificamente no pátio do Grupo Escolar Dias Velho, em 1948. Tal data marca a formação do núcleo inicial do acervo do museu — naquele momento denominado Museu de Arte Moderna de Florianópolis (MAMF) — com obras trazidas pelo escritor carioca Marques Rebelo para essa mostra, embora o decreto fundador tenha sido registrado somente em 18 de março do ano seguinte. Passados 22 anos, o espaço, que era municipal, passou a ser estadual e ganhou o nome que permanece até hoje.

As comemorações desta data se iniciaram em 18 de abril deste ano, com a abertura de “Desterro Desaterro – Arte Contemporânea em Santa Catarina”, que reuniu obras de mais de 80 artistas pertencentes a diferentes gerações. Na sequência, em 8 de agosto, “Hipérboles de um Espaço-Tempo: 1930-1979” trouxe do acervo artistas representativos e anônimos da época. Importante frisar que as obras dessa mostra causaram estranhamento e reflexão sobre esse patrimônio.

Com o intuito de problematizar a instituição MASC (já que o acervo, composto principalmente de doações, possui lacunas e exageros na falta de uma política de aquisição e descarte), essas duas exposições, que não contaram com a figura de diretores e curadores nem mesmo com um corpo técnico e administrativo definido e condizente com a sua importância no cenário artístico e cultural do estado, buscaram destacar e expor todas essas fragilidades.

Diante disso, considera-se que este é o momento de fomentar uma aproximação com a sociedade, de sacudir os tapetes, repensar o formato atual do museu, analisar a composição do seu acervo, buscar parcerias e, principalmente, dar identidade a esta instituição que é um dos primeiros museus de arte criados no país.

**Susana Bianchini**  
Administradora do MASC



Foto: Márcio H. Martins

Francisco Mora (Michoacán, México, 1922-2002)  
"La democracia", sem data  
Linoleogravura  
Acervo MASC



Luiz Henrique Schwanke (Joinville-SC, 1951-1992)  
S/título 1987 - da série Carrancas  
Técnica mista  
Acervo MASC